

Efeitos de classe?

Elites e operariado ante a cidadania numa perspectiva comparativa europeia

**Manuel Villaverde Cabral¹,
Instituto de Ciências Sociais**

Paper in progress.

Not to be quoted!

Comments welcome!

¹ Com o apoio precioso do sociólogo Paulo Antunes Ferreira e da equipa do ESS no ICS.

Esquema

O esquema é o seguinte: em vez de nos limitarmos a comparar “médias nacionais”, como acontece habitualmente nos estudos *cross-countries*, vamos centrar a comparação em grupos sociais com dimensão suficiente para permitir ver em que medida esses grupos possuem (ou não) semelhanças ocultas pelas “médias nacionais” e/ou se estas últimas encerram, elas próprias, um efeito explicativo sobre o desempenho dos diferentes grupos sociais (*efeito Sen*).

Para este exercício, foram escolhidos dois grupos: um razoavelmente bem definido e numeroso, a categoria social dos trabalhadores manuais assalariados, que designaremos pelo termo histórico de operariado; e outro composto de dois sub-grupos correspondentes às categorias da burguesia, compreendendo sub-categorias como o grande patronato, os gestores de grandes empresas e os profissionais liberais, e da nova burguesia assalariada, compreendendo as profissões técnico-científicas e os quadros de pequenas e médias empresas; em conjunto, este segundo grupo – bastante menos numeroso do que o operariado em Portugal mas não noutros países da União Europeia – será designado por elites (no plural, a fim de salientar a sua heterogeneidade). Para a constituição desta “grelha de classes” adaptada de Erikson & Goldthorpe (1993), ver Cabral (1998).

Hipóteses e interpretações

Testaremos duas hipóteses. Em primeiro lugar, se os dois grupos sociais seleccionados – operariado e “elites” – apresentam valores, atitudes e comportamentos diferentes ante a política em geral (aferida pelas representações dos deveres democráticos) e, em especial, ante o exercício da cidadania (medido pelas práticas de mobilização e associativismo); e em segundo lugar se as posições de classe têm, de forma geral, algum peso nas atitudes sociais ante a política.

Antecipando os resultados, podemos dizer que a resposta à primeira pergunta é globalmente positiva mas o seu sentido, não sendo surpreendente, obriga a questionar a condição e a história destas classes sociais ante a vida política. Em contrapartida, a resposta à segunda pergunta é negativa, o que nos obriga, por seu turno, a qualificar a natureza dos actuais regimes representativos europeus. Reservaremos contudo as interpretações que relevam da filosofia e teoria políticas para uma versão futura do “paper”.

Estruturas de classe europeias

A título de enquadramento geral da pesquisa convém ter uma ideia da estrutura de classes dos países seleccionados para comparação e da União Europeia no seu conjunto (18 países disponíveis, incluindo 5 do último alargamento). Uma palavra suplementar sobre a construção da “grelha de classes” antes de proceder à análise dos resultados. Na linha dos trabalhos de Goldthorpe que culminaram no volume de 1993 citado acima, esta “grelha” privilegia as distinções básicas entre salariado e não-salariado (trabalhadores assalariados *vs* patrões, empresários, gestores, profissionais liberais e trabalhadores independentes) e entre trabalho manual e não-manual, sendo estas distinções duplamente controladas pela posição subjectiva assumida pelos inquiridos numa escala de estratificação social (classe subjectiva) e pelo rendimento declarado, a fim de evitar afectações de classe contra-intuitivas, segundo as quais pessoas com classe subjectiva e/ou rendimento manifestamente baixos fossem afectadas a posições objectivas superiores na hierarquia social implícita na grelha ou inversamente (Cabral, 1998).

Como é sabido, o esquema de Goldthorpe pode ser apresentado com 11, 7 ou 3 posições; o nosso esquema corresponde à apresentação em 7 posições, mas só tem 6 porque a dimensão da amostra não consente uma distribuição autónoma das ocupações agrícolas. Sendo assim, independentemente das designações adoptadas, no eixo da propriedade/decisão encontram-se a “burguesia”, a “pequena burguesia tradicional” e os “trabalhadores independentes”, constituindo o número de empregados o principal critério para distribuir os proprietários pelas três categorias; no eixo do salariado, encontram-se a “nova burguesia assalariada”, o “salariado não-manual” e o “salariado manual”, sendo o capital escolar e a natureza manual/não-manual da actividade desenvolvida os principais critérios de distribuição dos indivíduos.

Quadro 1 (estrutura de classes)

Nestas condições, observa-se que a estratificação social portuguesa não diverge radicalmente do conjunto da União Europeia, mas apresenta ainda uma estrutura correspondente a uma fase de divisão do trabalho ultrapassada em muito países da UE, como salta à vista na comparação com a Suécia e mesmo com os dois outros países seleccionados: reduzida dimensão da “NBA”, empolamento da “PBT” e dos trabalhadores assalariados manuais em detrimento dos não-manuais.

Observe-se ainda, para efeitos das análises posteriores, que os pesos dos dois estratos seleccionados variam, segundo os países, entre 19,7% e 35,4% em Portugal, para as elites e o operariado respectivamente; 24,1% e 36,6% em Espanha; 30,3% e 40,7% na República Checa; 39,2% e 19,7% na Suécia; e finalmente 32,7% e 27,2% na União Europeia. Saliente-se ainda que, enquanto a relação entre elites e operariado é de 1:2 em Portugal, ela é praticamente de 1:1 na UE e quase

inversa à portuguesa na Suécia; na Espanha e na República Checa, o peso do operariado também é superior ao das elites mas em proporção bastante inferior ao que sucede em Portugal.

Quadro 2 (níveis de instrução)

Tendo em conta os dados do Quadro 2, apercebemo-nos facilmente de que os níveis de instrução, além de explicarem parcialmente as diferenças na estrutura sócio-ocupacional, denotam negativamente as qualificações da população portuguesa em todas as camadas sociais. Basta chamar a atenção, no que diz respeito à população portuguesa com mais de 12 anos de escolaridade, para um diferencial que varia entre 1:2 relativamente à República Checa, 1:3 em relação à Espanha e à média europeia, e 1:4 em relação à Suécia.

Quadro 3 (prática religiosa)

A fim de enriquecer a informação contextual sobre as diferentes estruturas sócio-culturais, vale ainda a pena notar que a sociedade portuguesa é não só aquela cujo sistema económico e a correspondente estratificação ocupacional são mais arcaicos, como também aquela em que é maior a persistência das práticas religiosas tradicionais. É importante observar que, ao contrário do que sucede em Espanha e na Suécia, mas em sintonia com a República Checa e com a própria UE, em Portugal o operariado é mais praticante do que as elites e do que a própria média nacional. Na falta de dados históricos e regionais, este último resultado aponta no sentido de uma profunda mudança na composição cultural da classe operária portuguesa.

As estruturas de classe, bem como estes contextos sócio-culturais, fornecem um pano de fundo que contribui sem dúvida para explicar em larga medida os resultados encontrados em cada sociedade, mas que os indicadores e as análises estatísticas utilizados nem sempre permitirão captar, remetendo portanto para a história política e social de cada uma dessas sociedades (Cabral 2003).

Atitudes nacionais ante a política

A diferença de atitudes ante a política entre Portugal e todos os outros três países seleccionados, bem como o conjunto da UE, fica patente na análise factorial da importância atribuída a diferentes deveres associados à cidadania democrática.

Quadro 4 (Factorial Deveres)

Com efeito, enquanto os 6 indicadores utilizados se dividem nos outros países em 2 factores distintos, onde apenas duas variáveis (“votar em eleições” e “apoiar pessoas mais pobres do que nós”) se distribuem de forma relativamente inconsistente, em Portugal todas as variáveis estão associadas num único factor com pesos muito semelhantes. Por outras palavras, em Portugal, é como se todos os valores democráticos, desde o activismo político e a participação eleitoral (como

nos modelos checo e espanhol, embora com diferente importância) até à obediência às leis, a ajuda às pessoas mais pobres e a formação de opinião própria, como se tudo isso fosse igual, isto é, como se estes valores não conhecessem qualquer distinção conceptual e política.

Quisemos ainda verificar se este padrão uniforme apresentado pelo conjunto da população portuguesa era comum às elites e ao operariado. Com efeito, assim é. Estas camadas não se distinguem, pois, do resto da população, sendo mínimas as diferenças no ordenamento dos indicadores no factor único: os 3 primeiros têm pesos praticamente idênticos, havendo apenas uma troca de posições entre a 4.^a e a 6.^a variáveis na factorial do operariado relativamente à das elites, a qual coincide com a do conjunto da população. [Será que as elites projectam os seus valores (ou a falta de distinção entre eles) sobre as camadas subordinadas?]

Em compensação, relativamente ao modelo implícito nesta bateria de perguntas, é importante notar que, apesar dos bons Alphas, duas das variáveis parecem não pertencer totalmente aos mesmos universos cognitivos das outras quatro, as quais estão sempre associadas em dois pares (par tipicamente normativo: “obedecer às leis” e “formar uma opinião independente”; e par indirectamente performativo: “ser activo em organizações voluntárias” e “ser politicamente activo”). Em todos os países (e na UE), estes dois pares estão claramente associados no mesmo factor, enquanto as outras duas variáveis em todos eles se distribuem de forma inconsistente (no conjunto da União Europeia, o par do activismo está claramente isolado).

Elites e operariado ante a política

O Quadro 5 resume as diferenças de valores, atitudes e comportamentos entre as elites e o operariado em Portugal, Espanha, Suécia, República Checa e União Europeia (18 países). No plano da confiança – seja ela interpessoal, nas instituições ou na classe política – as elites têm sistematicamente valores mais altos do que o operariado e do que a média das respectivas sociedades, incluindo o conjunto da UE; inversamente, o operariado apresenta valores sistematicamente mais baixos do que as médias nacionais e da UE. Este forte traço de distinção classista quanto à confiança está, contudo, praticamente dissociado da assunção da cidadania política aferida pela acção colectiva formalizada (associativismo) e não formalizada (mobilização). Veremos adiante como é que estas três variáveis, sempre associadas entre si, se relacionam com os factores sócio-demográficos (excluindo a classe) e com as variáveis intermédias de envolvimento cívico no espaço público (ver Quadro 6 à frente).

Quadro 5 (Elites & Operariado ante a política)

O mesmo se passa com as variáveis relativas ao interesse e à compreensão pela política, bem como aos sentimentos de eficácia e de participação (participar mais ou menos do que os outros na vida social). Em todas estas dimensões que, conforme temos vindo a observar em estudos anteriores e de acordo com a literatura *mainstream*, predispõem à acção colectiva e ao exercício da cidadania em geral, em todas elas, dizíamos, as elites apresentam também *scores* sistematicamente superiores ao operariado e às médias nacionais em todos os países e no conjunto da EU, excepto no caso do sentimento de eficácia em Portugal e em Espanha, onde, estando o indicador ligado à acção sindical, parece favorecer o operariado; inversamente, o operariado apresenta sempre *scores* inferiores às médias nacionais e na UE, excepto nos casos apontados.

Por entre estas regularidades fortíssimas, introduz-se no entanto o factor societal, que designei por *efeito Sen*, em homenagem ao economista Amartya Sen que assinala, em vários dos seus livros sobre as desigualdades sócio-económicas, o facto de as camadas mais ricas das sociedades mais pobres se situarem, ante certos bens, por assim dizer abaixo das camadas mais pobres dos países mais ricos (Sen, ???). O equivalente deste efeito seria, no caso presente, as elites de determinado país apresentarem valores inferiores ao operariado de outro ou outros países. Ora, é isso que acontece frequentemente com Portugal (e menos frequentemente com a República Checa) em relação à Suécia, à própria Espanha e, por vezes, até em relação à média europeia, nomeadamente no que se refere à confiança interpessoal e à confiança na classe política.

Na sociedade portuguesa, a dimensão da confiança está, pois, sujeita a um efeito societal que sobredetermina as atitudes de toda a população, incluindo as elites, ou seja, as camadas que se situam habitualmente mais perto dos *scores* médios das sociedades mais instruídas, onde o regime representativo está consolidado há mais tempo. Ora, na medida em que a confiança interpessoal condiciona não só a confiança na classe política e nas próprias instituições, bem como as atitudes de envolvimento na vida pública em geral, o baixo capital de confiança que prevalece, comparativamente, na sociedade portuguesa não pode deixar de ter efeitos sobre o exercício individual e colectivo da cidadania política, embora nem sempre os indicadores utilizados captem esses efeitos.

Algo de paradoxal sucede, em contrapartida, com os indicadores de identificação com o sistema político (proximidade dos partidos) e a avaliação do seu desempenho (satisfação com a

democracia). Nestas dimensões, as elites portuguesas seguem a orientação das elites europeias e manifestam-se menos identificadas com os partidos políticos do que o operariado, o qual se revela mais identificado com os partidos do que a média nacional e da UE, mas mais satisfeitas com o desempenho do regime do que o operariado e do que a própria média nacional, padrão aliás comum a todos os países seleccionados e à UE. [Será que, apesar da falta de identificação elitista com os partidos, o regime foi cooptado pelas elites?]

Embora o indicador não seja tratado aqui, conhecemos os partidos com os quais o operariado se identifica e sabemos que, de uma forma geral, ele se posiciona na escala esquerda-direita, de acordo com as previsões clássicas, manifestamente mais à esquerda do que as elites e do que as médias nacionais em todos os países e na UE. Em compensação, as diferenças em relação à exposição à mídia informativa são também previsíveis, apresentando obviamente as elites *scores* muito superiores aos do operariado, o qual, em Portugal e Espanha, apresenta mesmo *scores* inferiores às próprias médias nacionais (e no conjunto da UE).

Finalmente, no que respeita aos comportamentos associados ao modelo demo-liberal da cidadania (associativismo e mobilização), em todos os países seleccionados, bem como no conjunto da União Europeia, é manifesta a maior propensão das elites para se associarem (não há valores para a República Checa). Por seu turno, o operariado apresenta em todas as sociedades *scores* inferiores às médias nacionais e da UE, o que, sendo conhecido, não deixa de indicar uma alteração profunda das práticas históricas do operariado no plano sindical e até partidário. Note-se ainda que os valores comparativamente baixos que se registam em Portugal, cujas elites – para não falar do operariado – se encontram, ante o associativismo, na proporção de 1:2 em relação ao conjunto da UE e de 1:3 em relação à Suécia.

Para terminar esta análise, registre-se que os *scores* da mobilização política propriamente dita são baixos em todos os países, especialmente em Portugal como já era de prever, manifestando as elites uma propensão tripla do operariado para se mobilizarem, mas ficando abaixo do operariado sueco, por exemplo (*efeito Sen*). O facto de as causas destas situações serem bem conhecidas nem por isso deixa de afectar o conteúdo dos espaços públicos democráticos, onde as elites têm hoje um papel absolutamente dominante, mesmo em países como a Suécia.

Enquadramento sócio-cultural das atitudes políticas

A fim de enquadrar o factor classe no conjunto das variáveis independentes e intermédias habitualmente associadas ao exercício da cidadania política (Cabral, 1999; 2003; 2004), e antes de verificar qual o peso de cada uma delas na explicação dos comportamentos de associação e mobilização, convém ter uma ideia da forma como essas variáveis se associam.

Quadro 6 (Factorial variáveis independentes e intermédias)

As variáveis dispersaram-se em todos os países e no conjunto da UE por um grande número de factores pelo que forçámos a rotação a 3 factores, a fim de simplificar a leitura. Conforme dissemos, os 3 indicadores relativos à confiança estão sempre juntos, associados ora ao posicionamento esquerda/direita, ora à eficácia; em Portugal, a ambos. Os indicadores de compreensão e interesse políticos estão também sempre juntos, habitualmente associados à exposição à mídia e frequentemente ao género (negativamente), bem como à capacidade de obter resposta à acção de mobilização.

No caso português, os indicadores instrução e rendimento (que são os melhores *proxies* da classe social) estão associados à idade (negativamente) e, algo estranhamente, à prática religiosa e, por fim, negativamente também, ao posicionamento na escala esquerda-direita, o que faz sentido com as observações anteriores. Aliás, idade, rendimento e prática religiosa estão juntos em todos os países e na UE, onde estão associados também à escala esquerda-direita como em Portugal.

Em conclusão, o resultado global da análise factorial é não só compatível com aquilo que conhecemos da literatura, como confirma que a sociedade portuguesa não foge ao modelo europeu, figurando o interesse, a compreensão e a exposição à mídia, associados ao género e à resposta à mobilização no primeiro factor – ou seja, o factor político por excelência – como sucede no conjunto da União Europeia, ao contrário porém da Espanha, onde o factor política surge em terceiro lugar, como aliás indicavam os valores extremamente baixos do interesse pela política, o qual, como veremos adiante, possui um peso enorme, virtualmente autónomo, nas explicações – de resto fracas – do exercício da cidadania,.

Adicionalmente, quisemos ver até que ponto seria diferente a organização dos universos sócio-cognitivos das elites e do operariado portugueses ante a política. As ACPs forçadas a 3 factores para cada um dos grupos geraram, na realidade, organizações algo distintas. Por contraste com a ACP para o conjunto da população, tanto as elites como o proletariado divergem dela quanto à ordem dos factores e também quanto às variáveis incluídas em cada um deles.

Enquanto o país no seu conjunto colocou o factor Política em primeiro lugar, o factor Idade e prática religiosa vs Instrução e Rendimento em segundo, e o factor Confiança em terceiro, dividindo-se a variável esquerda-direita entre estes dois últimos factores (negativamente no segundo e positivamente no terceiro), as elites colocaram o factor Confiança em primeiro lugar, o factor Política em segundo e o factor Idade e Prática religiosa vs Esquerda-Direita em último, associando todavia a Instrução e o Rendimento à Confiança; por seu turno, o operariado coloca o factor Instrução e Rendimento vs Idade em primeiro lugar, associando a ele a Compreensão da Política, como se a política fosse mais importante para os “ricos” do que para os mais velhos, implicitamente mais “pobres”; o factor Confiança em segundo, associando a ela o interesse pela política [qual será o elemento determinante: o interesse faz a confiança ou a desconfiança gera a falta de interesse?]; finalmente, em terceiro lugar colocou a Prática religiosa vs Esquerda-direita, o que corresponde ao padrão objectivo dos comportamentos eleitorais em Portugal.

Em suma, estas diferenças são relevantes para compreender o modo de relacionamento de cada classe social com a política, mas não são suficientes, como vimos, para as distinguir do resto da população, pairando portanto sobre todos eles um efeito societal acerca do qual me tenho já interrogado numa perspectiva histórica (2003), sendo necessário prosseguir a pesquisa neste caminho.

Preditores do associativismo e da mobilização

A concluir a exposição, apresentaremos os resultados das regressões lineares múltiplas do envolvimento associativo e da mobilização política sobre as variáveis sócio-demográficas (incluindo o *dummy* da classe social) e as variáveis intermédias anteriormente analisadas.

Quadros 7 & 8 (associativismo em Portugal e na UE)

Em Portugal, o envolvimento associativo é, como se pode ver, praticamente independente de todas variáveis, excepto a capacidade de obter resposta às acções empreendidas, cujo N é muito pequeno (mais pequeno ainda do que nos outros países) e que apenas explica uma fracção marginal da variância. Em todo o caso, fica a ideia de que o êxito da acção é um preditor da própria acção, por outras palavras, a antecipação de fracasso (uma espécie de *habitus* fundadamente derrotista, na linha de Elster 1993) será uma explicação da baixa propensão dos Portugueses para se associarem. A classe social não tem qualquer expressão e em Espanha a situação não é diferente. Já na Suécia e no conjunto da União Europeia, porque o envolvimento associativo é superior, a variância explicada, sendo baixa (23%), pode ser considerada expressiva para dados individuais (Freire, 2004), apontando como principais preditores o Rendimento e o nível de Instrução, *proxies* da

classe, a qual tem também um peso fraccional próprio, e ainda o interesse pela política como variável intermédia.

Quadros 9 & 10 (mobilização em Portugal e na UE)

A situação é diferente no caso da mobilização política. Explicada por uma única variável, aparentemente isolada de todo o complexo de factores mobilizados na análise, a saber, o interesse pela política, a variância é minimamente expressiva (23%) e próxima da obtida para o conjunto da União Europeia (26%), onde no entanto o modelo explicativo é muito mais complexo, embora o interesse pela política tenha sempre um peso claramente superior a todos os outros indicadores. O nível de instrução está presente na regressão mas a classe não revela qualquer efeito próprio, nem em Portugal nem no conjunto da UE.

O posicionamento à esquerda possui alguma associação com a propensão para a mobilização política bem como a capacidade de obter resposta às reivindicações. Seja como for, tanto em Portugal como no conjunto da União Europeia, a mobilização surge como um fenómeno eminentemente político, dotado de forte autonomia em relação aos factores de índole sócio-demográfico, a começar pelo factor classe. Em resumo, carece de futura reflexão a ausência praticamente total de efeitos de classe exibida pelos presentes resultados.

Referências

Cabral, M. V. (1998), Mobilidade social e atitudes de classe em Portugal, *Análise Social*, XXXIII, 146/147: 381-414.

Cabral, M. V. (2000), O exercício da cidadania política em Portugal, *Análise Social*, XXXV, 154/155: 85-113.

Cabral, M. V. (2003), O exercício da cidadania política em perspectiva histórica (Portugal e Brasil), *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, XVIII, 51: 31-60.

Cabral, M. V. (2004), Confiança, mobilização e representação política em Portugal”, in M. Costa Lobo, P. C. Magalhães e A. Freire (orgs.), *Portugal a Votos – as eleições legislativas de 2002*, Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

Elster, Jon (1993), *Sour grapes: studies in the subversion of rationality*, Cambridge University Press.

Erikson, R. & Goldthorpe, J. H. (1993), *The constant flux: a study of class mobility in industrial societies*, Oxford: Clarendon Press.

Freire, A. (2004), *O significado da Esquerda-Direita...*, Dissertação de doutoramento entregue no ICS.

Sen, Amartya K. (????), “*How relative is relative deprivation?*”, etc.

Quadro nº 1**Estrutura de Classes, segundo o país e UE**

Classe Social (Goldthorpe)	CZ Czech Republic		ES Spain		PT Portugal		SE Sweden	
	Count	Col %	Count	Col %	Count	Col %	Count	Col %
Burguesia	53	3,9%	76	5,4%	86	5,8%	135	7,0%
Nova burguesia assalariada	351	26,4%	263	18,7%	208	13,9%	619	32,0%
Pequena burguesia tradicional	51	3,8%	70	5,0%	168	11,2%	63	3,3%
Salariato não-manual	297	22,2%	380	27,0%	429	28,6%	664	34,0%
Trabalhadores independentes	39	2,9%	103	7,3%	77	5,1%	64	3,3%
Salariato manual	543	40,7%	514	36,6%	531	35,4%	379	19,0%
Total	1333	100,0%	1407	100,0%	1498	100,0%	1924	100,0%

(ponderado por dweight)**Quadro nº 2****Nível de Instrução, segundo o país e UE**

Nível de Instrução	CZ Czech Republic		ES Spain		PT Portugal		SE Sweden		União Europeia	
	Count	Col %	Count	Col %	Count	Col %	Count	Col %	Count	Col %
Não completou o primário	14	1,0%	306	17,8%	186	12,3%	25	1,3%	1277	4,1%
Completou até ao 6º ano			310	18,0%	705	46,7%	540	27,1%	3735	12,0%
9º ano concluído	186	13,8%	363	21,1%	264	17,5%	388	19,5%	8828	28,3%
12º ano concluído	963	71,4%	354	20,5%	246	16,3%	430	21,6%	10369	33,3%
+ do que o 12º ano	186	13,8%	390	22,6%	109	7,2%	611	30,6%	6943	22,3%

1349

1722

1511

1994

31153

(ponderado por dweight)

Quadro nº 3

Prática religiosa, segundo o país e UE

	CZ Czech Republic		ES Spain		PT Portugal		SE Sweden		União Europeia	
Prática Religiosa	Count	Col %	Count	Col %	Count	Col %	Count	Col %	Count	Col %
Prática regular	108	8,1%	340	19,8%	449	30,1%	92	4,6%	6507	20,0%
Prática irregular	65	4,9%	156	9,1%	253	16,9%	126	6,3%	3438	11,0%
Prática rara	426	31,6%	632	36,8%	456	30,5%	1029	51,5%	11498	36,0%
Prática nula	746	55,5%	589	34,3%	338	22,6%	750	37,6%	9697	31,0%
	1346	100,0%	1717	100,0%	1495	100,0%	1997	100,0%	31141	100,0%
Elite		3,42		2,90		2,64		3,20		2,86
Operariado		3,27		3,02		2,38		3,37		2,86
Média nacional		3,34		2,86		2,46		3,22		2,77

(ponderado por dweight)

Quadro nº 4**Importância atribuída aos DEVERES DE CIDADANIA****(Análise factorial de Componentes Principais)**

	Factor 1	Factor 2
Portugal	to be active in voluntary organisations (0,772) to vote in elections (0,760) to always obey laws/regulations (0,710) to support people worse off (0,662) to be active in politics (0,646) to form independent opinion (0,628)	
% de variância	48,76	
Espanha	to support people worse off (0,749) to always obey laws/regulations (0,746) to form independent opinion (0,686)	to be active in politics (0,930) to be active in voluntary organisations (0,461) (0,604) to vote in elections (0,516) (0,537)
% de variância	34,53	26,15
Rep. Checa	to be active in politics (0,880) to be active in voluntary organisations (0,812) to vote in elections (0,516) (0,483)	to always obey laws/regulations (0,822) to form independent opinion (0,793) to support people worse off (0,409) (0,448)
% de variância	31,40	29,42
Suécia	to be active in politics (0,858) to be active in voluntary organisations (0,850) to support people worse off (0,441)	to always obey laws/regulations (0,730) to form independent opinion (0,644) to vote in elections (0,263) (0,590)

	(0,319)	
% de variância	28,79	23,49
União Europeia (18)	To always obey laws/regulations (0,772) To form independent opinion (0,722) To vote in elections (0,660) (0,320) to support people worse off (0,451) (0,416)	to be active in politics (0,840) to be active in voluntary organisations (0,833)
% de variância	29,76	28,05

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Alpha de Cronbach: Portugal = 0,78.

N: Portugal = 1385; Espanha = 1598; Rep. Checa = 1257; Suécia = 1927; EU = 29830.

Quadro nº 5

Elites & operariado ante a política, segundo o país e UE (médias)

	PORTUGAL			ESPANHA			SUÉCIA			R C
	Elite	Operariado	Média nacional	Elite	Operariado	Média nacional	Elite	Operariado	Média nacional	
CONF. PESSOAL	4,77	4,53	4,71	5,48	4,89	5,06	6,81	5,78	6,34	5,3
CONF. INSTITUIÇÕES	24,11	19,97	21,71	24,90	21,43	22,70	30,25	25,73	28,01	22,15
CONF. POLÍTICOS	2,29	1,92	2,09	2,74	2,28	2,44	3,79	3,11	3,50	2,66
INTERESSE	2,42	1,81	2,00	2,17	1,72	1,83	2,99	2,43	2,65	2,38
COMPREENSÃO	3,16	2,43	2,68	3,24	2,54	2,72	3,23	2,84	2,95	3,11
EFICÁCIA	4,08	4,72	4,41	4,10	4,57	4,43	5,36	5,25	5,32	4,38
RESPOSTA	0,83	0,46	0,54	0,92	0,73	0,78	1,42	1,05	1,26	0,96
PARTICIPAÇÃO	2,81	2,57	2,65	2,79	2,45	2,60	3,15	2,73	2,93	2,68
PROX. PARTIDOS	2,19	2,29	2,26	2,15	2,30	2,25	2,05	2,14	2,11	2,15
SATISF. DEMOCRACIA	4,52	4,49	4,56	5,86	5,62	5,70	6,39	5,91	6,12	5,26
ESQ./DTA.	5,18	4,89	5,08	4,45	4,13	4,41	5,28	4,41	4,88	6,01
EXPO. MEDIA	4,73	3,64	3,95	4,67	3,62	3,79	4,45	4,60	4,35	4,52
ASSOCIATIVISMO	4,12	1,80	2,25	6,05	2,29	3,37	12,79	8,68	10,23	-
MOBILIZAÇÃO	1,01	0,39	0,53	1,76	0,75	1,05	2,47	1,46	1,99	1,50

Quadro nº 6**Análise Factorial de Componentes Principais das variáveis independentes e intermédias**

(forçada a 3 factores)

	Factor 1	Factor 2	Factor 3
Portugal	Expo. Media Política (0,693) Interesse Política (0,681) Compreensão Política (0,577) Sexo (0-,567) Resposta (0,477)	Idade (-0,746) Nível Instrução (0,653) Rendimento (0,605) Prática Religiosa (0,581) Esquerda/Direita (-0,395)	Confiança Políticos (0,742) Confiança Instituições (0,738) Confiança pessoal (0,409) Eficácia (-0,240) Esquerda/Direita (0,393)
Espanha	Idade (-0,840) Nível Instrução (0,750) Prática Religiosa (0,549) Rendimento (0,526)	Confiança Instituições (0,806) Confiança Políticos (0,801) Esquerda/Direita (0,537) Confiança pessoal (0,459)	Interesse Política (0,706) Expo. Media Política (0,697) Compreensão Política (0,687) Sexo (-0,384) Resposta (0,334) Eficácia (0,070)
Rep. Checa	Interesse Política (0,739) Compreensão Política (0,709) Nível Instrução (0,561) Sexo (-0,509) Expo. Media Política (0,490) Resposta (0,345)	Confiança Políticos (0,803) Confiança Instituições (0,762) Confiança pessoal (0,696) Eficácia (0,466)	Idade (-0,753) Prática Religiosa (0,613) Rendimento (0,467)
Suécia	Confiança Políticos (0,838) Confiança Instituições (0,751) Confiança pessoal (0,648) Eficácia (0,394)	Compreensão Política (0,702) Interesse Política (0,579) Nível Instrução (0,542) Rendimento (0,481)	Idade (0,802) Expo. Media Política (0,749) Prática Religiosa (-0,455)

		Sexo (-0,467) Esquerda/Direita (0,397) Resposta (0,344)	
União Europeia (18)	Compreensão Política (0,745) Interesse Política (0,731) Expo. Media Política (0,603) Nível de Instrução (0,516) Sexo (-0,450) Resposta (0,305)	Confiança Instituições (0,806) Confiança Políticos (0,805) Confiança pessoal (0,618) Eficácia (0,375)	Idade (-0,723) Prática Religiosa (0,544) Rendimento (0,445) Esquerda/Direita (-0,298)

Extraction Method: Principal Component Analysis. Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization.

Quadro nº 7

PORTUGAL

Preditores do Envolvimento Associativo

Análise de regressão linear múltipla

Variáveis independentes	Valores beta	P<
CLASSE		n.s.
Escalões etários		n.s.
Nível de Instrução		n.s.
Rendimento familiar		n.s.
Habitat		n.s.
Sexo		n.s.
Prática Religiosa		n.s.
Índice Confiança pessoal		n.s.
Índice de Interesse pela política		n.s.
Índice de Confiança Política		n.s.
Índice de Confiança nas Instituições		n.s.
Índice de Exposição à Media Política		n.s.
Esquerda-Direita		n.s.
Índice de Eficácia		n.s.
Índice de "Resposta"	0,244	0,018
Índice de Compreensão da Política		
R² ajustado	0,033	

Quadro nº 8

UNIÃO EUROPEIA

Preditores do Envolvimento Associativo

Análise de regressão linear múltipla

Variáveis independentes	Valores beta	P<
CLASSE	0,045	0,002
Escalões etários	0,053	0,000
Nível de Instrução	0,133	0,000
Rendimento familiar	0,212	0,000
Habitat	0,044	0,001

Sexo	-0,035	0,008
Prática Religiosa	-0,081	0,000
Índice Confiança pessoal	0,078	0,000
Índice de Interesse pela política	0,163	0,000
Índice de Confiança Política	0,065	0,000
Índice de Confiança nas Instituições	-0,050	0,002
Índice de Exposição à Media Política		n.s.
Esquerda-Direita		n.s.
Índice de Eficácia	0,047	0,000
Índice de "Resposta"	0,096	0,000
Índice de Compreensão da Política		n.s.
R² ajustado	0,228	

Quadro nº 9

PORTUGAL

Preditores da Mobilização Política

Análise de regressão linear múltipla

Variáveis independentes	Valores beta	P<
CLASSE		n.s.
Escalões etários		n.s.
Nível de Instrução		n.s.
Rendimento familiar		n.s.
Habitat		n.s.
Sexo		n.s.
Prática Religiosa		n.s.
Índice Confiança pessoal		n.s.
Índice de Interesse pela política	0,527	0,000
Índice de Confiança Política		n.s.
Índice de Confiança nas Instituições		n.s.
Índice de Exposição à Media Política		n.s.
Esquerda-Direita		n.s.
Índice de Eficácia		n.s.
Índice de "Resposta"		n.s.
Índice de Compreensão da Política		n.s.
R² ajustado	0,227	

Quadro nº 10

UNIÃO EUROPEIA

Preditores da Mobilização Política

Análise de regressão linear múltipla

Variáveis independentes	Valores beta	P<
CLASSE		n.s.
Escalões etários		n.s.
Nível de Instrução	0,111	0,000
Rendimento familiar	0,091	0,000

Habitat		n.s.
Sexo	0,048	0,000
Prática Religiosa		n.s.
Índice Confiança pessoal	0,069	0,000
Índice de Interesse pela política	0,309	0,000
Índice de Confiança Política		n.s.
Índice de Confiança nas Instituições	-0,052	0,001
Índice de Exposição à Media Política	0,027	0,041
Esquerda-Direita	-0,100	0,000
Índice de Eficácia	0,041	0,001
Índice de "Resposta"	0,114	0,000
Índice de Compreensão da Política	0,038	0,011
R² ajustado	0,258	